

RESENHAS

Da niilificação das coisas ou sobre como o mundo da vida chegou a se tornar infosfera: Byung-Chul Han

HAN, Byung-Chul. *Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida*. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2023.

Roberto Kahlmeyer-Mertens

<https://orcid.org/0000-0002-8572-8302> – E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com

(Resenhista)

Byung-Chul Han é autor empenhado em pensar nossa época. No Brasil, são mais de vinte traduções editadas, livros de ensaios que, desde suas primeiras publicações, receberam expressiva audiência (não apenas do público acadêmico, mas dos interessados na leitura e reflexão sobre fenômenos da atualidade). Isso em parte se explica por tais escritos constituírem críticas de temas culturais e filosóficos. Campos expressos em alguns de seus títulos e temas: *Sociedade do cansaço* (2017), obra que problematiza o quanto a sociedade capitalista se tornou cenário de exploração e do desgaste humano; *No enxame: Perspectivas do digital* (2018), na qual se indica o quanto a absorvência pelas mídias digitais implicam em uma perda da referência da realidade e uma crise do mundo atual; *Bom entretenimento* (2019), denúncia do quanto a vida real se fluidifica em uma sociedade que se dispersa no *entre-ter*, e *Favor fechar os olhos: Em busca de outro tempo* (2021), meditação sobre a temporalidade contemporânea que considera o encurtamento do tempo presente e consequente sensação de envelhecimento das coisas, numa época de modificações céleres. Embora coreano de nascimento, toda a formação de Han processou-se em universidades alemãs, Friburgo, Munique e Berlim, o que explica a presença de autores germânicos em seus horizontes: Hölderlin, Nietzsche, Heidegger, Arendt, Gadamer, Benjamin, Adorno...

Essas presenças influentes são notadas em um dos últimos títulos editados do autor: *Não-coisas: Reviravoltas no mundo da vida* (2023). Tendo vindo a lume originalmente em 2021, *Udinge: Umbrüche der Lebenswelt* é obra premida por um olhar atual aos problemas humanos. Parte da percepção de seu autor de que nosso mundo é marcado pela técnica moderna em sua feição mais insinuante de informática ou daquilo que se designou como “era da informação”.

Não é necessário ser especialista para compreender o que está em jogo nesse trabalho. Byung-Chul Han indica algo que autores ligados à hermenêutica, e que tinham a esta como lógica das ciências humanas, já identificavam como problemática. Tomemos o exemplo de Dilthey, que denunciava o quanto o saber das ciências da natureza já abstratificava os laços de vivências das coisas, para os conhecer a partir dessa abstratificação e tomar as coisas como objetos, levando em conta suas presumidas propriedades. O que Han parece estar indicando é uma variação dessa tese dos pensadores das Humanidades, para o coreano, as coisas se desgarram do mundo na medida em que perdem sua consistência; assim, ao se *descorporificarem* por meio da digitalização, da virtualização, se deixam abstrair, nesse caso, são abstraídas de seu sentido.

Atento a sua compreensão tradicional, Han compreende que a coisa, enquanto objeto, é o que se apresenta diante de nós de modo indelével, assim: “A palavra objeto remonta a *obicere* em latim, que significa contrapor ou objetar. Ele tem o caráter inerente da resistência. O objeto é originalmente algo que se dirige contra mim” (HAN, 2023, p. 47). Para o autor, ao transformar-se em dado ou em informação, a coisa deixa de ser vivida enquanto tal, para tornar-se um espectro, uma fantasmagoria. Desse modo: “Os objetos digitais não têm o caráter do *obicere*. Eu não os sinto como resistência” (HAN, 2023, p. 47).

Embora arrojada a tese, constituindo mesmo um esforço de inteligência, é preciso indicar que ela fácil cai por terra dependendo da compreensão que se tem do que aqui é designado *coisa* (e, por conseguinte, *não-coisa*). Aos interessados na gênese desse conceito, esta nos levará a Aristóteles, em quem encontramos a expressão *tá onta*, para dizer *as coisas*. Para este grego, coisas são constituídas por uma *substância* (tratada como instância primeira) e categorias, ditas desta primeira. Nesse caso, podemos dizer por exemplo, a substância desta coisa diante de mim é “foto” e, desde esta, enunciar a categoria da *quantidade*, que é “uma foto”; “foto nítida” (desde a categoria de *qualidade*); “foto atual” (categoria de tempo), “foto no álbum” (lugar), “foto longe” (relação), além de outras categorias que junto a estas somam dez. Aristóteles, no entanto, em sua obra *Metafísica*, é ambíguo quando fala de substância; justamente por isso, alguns intérpretes interpretam que esta se confunde com a materialidade das coisas, ou seja, a substância seria o suporte material de tudo que é, da coisa. Embora esta interpretação tenha seu espaço, ela é controversa, afinal, se nos orientarmos por tal ideia, coisas que são, mas que não possuiriam materialidade, a rigor, não seriam coisas, não teriam *coisidade* (= substância), por exemplo: a autoridade de um Estado-Nação, um conceito como o de liberdade, uma entidade numérica, um processo mental... Por outro lado, *admitindo que substância se refere a tudo que é*, todos esses exemplos seriam, por assim dizer, coisas e, *mesmo os dados e informações digitais igualmente o seriam*. O que faz com que não se sustente a ideia de que um mundo de *coisas* (por exemplo, um mundo no qual há fotos materializadas em papel) se converta, aos poucos, num mundo de não-coisas (um no qual os registros fotográficos se descoisificaram pela digitalização).

Essa provocação que o ensaísta faz repercute em vários momentos do livro, constituindo nele ideia central, sendo ainda válida como exercício para pensarmos nossa sociedade como uma *infósfera*. É isso o que temos desde o primeiro ensaio da obra, intitulado: “Da coisa à não-coisa” (HAN, 2023, p. 11-30). Esta peça inicia com uma indicação de que, para Hannah Arendt, as coisas tenderiam a estabilizar as vidas no mundo; no entanto, especialmente nesse ponto, a principal influência de Han provém do filósofo checo-brasileiro, Vilém Flusser. Este é autor de dois ensaios homônimos a *Não-coisas* (FLUSSER, 2007, p. 51-58; 59-65), os quais alarmam quanto a esses simulacros informáticos invadirem nosso mundo, tomando o lugar das coisas mesmas.

Em compasso com a ideia de *Homo Faber* presente em Arendt, há também uma aproximação a Heidegger; aqui, há alguns elementos da descrição fenomenológica que este filósofo faz do mundo tal qual se nos apresenta. Nesse caso, conceitos como a *manualidade* (o estar-a-mão para o uso), a *utensiliaridade* (usabilidade dos utensílios), sua distinção frente aos *entes simplesmente dados*, nossa situação de *ser-no-mundo*, *história*, *projeto*, *facticidade* e, até mesmo, a estrutura existencial central a nosso “caráter” de existência, o *cuidado*, aparecem em uma análise claramente promovida por uma ideia de que o mundo é presente como que aberto a nós.

É preciso dizer que, por mais que essa filosofia compareça em outros títulos de Byung-Chul Han, o leitor versado na fenomenologia existencial heideggeriana logo identificará que o trato conceitual é impreciso em diversos momentos (ao exemplo: Han chega a dizer que esses conceitos seriam “categorias de análise do *Dasein*” (HAN, 2023, p. 17), quando a aplicação do termo *categoria*, mesmo nesse contexto, seria inadequado ao pensamento de Heidegger), o que ocorre talvez provocado pelo interesse enfático de sustentar que: “A ordem digital *defactifica* a existência humana” (HAN, 2023, p. 18), o que significa dizer que tal ordem atentaria contra o caráter de ser de fato de nossa própria situação humana. Livre da especificidade da terminologia de Heidegger, equivale dizer que a *ordem digital desumaniza o humano*, o que, ao menos à primeira vista, soa alarmista e até trivial. Desdobramento disso, como aponta o autor, seria o engendramento de uma “sociedade da informação pós-factual” (HAN, 2023, p. 22), o que acarretaria dizer que estaríamos a caminho de uma realidade esvaziada do fato e fadada à presunida falta de determinação dos dados digitais, isto é, das não-coisas.

“Da posse da vivência” (HAN, 2023, p. 31-40) é ensaio em tom assemelhado ao anterior. Interpretamos este como releitura do problema um dia colocado por Erich Fromm em seu conhecido livro *Ter ou ser* (FROMM, 1977). Conhecedor da teoria crítica da Escola de Frankfurt (a qual o mencionado psicólogo alemão pertencia, trabalhando aos pés de Adorno e Horkheimer), Han está certamente familiarizado com a preocupação materialista e a crítica capitalista que evolui dessa obra. No entanto, o enfoque do autor coreano aqui traz um diferencial, para ele não é mais a posse dos bens de consumo (o ter material) o que está em questão, mas a posse de vivências (o que equivaleria a falar num “consumo” dessas vivências). Ora, que o leitor não tenda aqui a achar que Han identifica em nossa época atual uma preocupação de desapego material em favor do gesto espiritual. Muito ao contrário, parece que, contemporaneamente, mesmo algo como uma dimensão espiritual teria sucumbido não apenas ao mero ter, estaríamos diante da modalidade do *ter vivenciado*. Nesse caso, segundo nosso pensador: “A nova máxima da vivência é: quanto mais eu vivencio, mais eu sou” (HAN, 2023, p. 31).

Apesar de não especificado o que nosso autor chama aqui de “vivência” (a preocupação é cabida, já que esta palavra em alemão está ligada a uma cena de pensamento atenta à consciência; cenário aliás ao qual o autor alhures referencia, seja pela via da fenomenologia ou pela psicanálise), é possível compreender que o que está em jogo aqui é vivência como experiência empírica. Nesse caso, eu *sou* tanto mais quanto *tenho* experiências. O problemático nisso é que, para Han, em um mundo digital, experiências são cada vez mais virtuais e, nesse caso, o informático acaba se sobrepondo aos aspectos materiais das coisas. Daí, em uma tal situação, nos tornamos quem somos com base em vivências que não possuem o que nosso autor chama de “O conteúdo estético-cultural de um bem [...] [De tal forma que] a economia da vivência substitui a vivência da coisa” (HAN, 2023, p. 33).

Parte considerável da seção final deste ensaio, se ocupa de evidenciar um desdobramento, a maneira com que num mundo informático essas vivências seriam tão fluidas quanto suas transmissões aos outros. O que leva nosso autor a afirmar que, num mundo informático, a *posse* cede espaço ao *acesso*. Daqui se depreende que um mundo do compartilhamento teria

como consequência imediata o desinteresse pela posse material e, por conseguinte, pela estabilidade que algo como coisas dariam a um mundo palpável. Exemplos não faltam para essa espécie de desagregação: a extinção dos colecionadores, a supressão do livro físico em favor dos *e-books*, a fluidificação das identidades visuais e dos direitos autorais são apenas alguns com consequências sentidas. Face a essas meditações, é natural que o próximo ensaio de Han seja sobre os *smartphones*.

No entanto, antes de tramitarmos a esse novo ponto, uma última palavra a respeito do conceito de *vivência*: ao não se precisar o que este conceito significa (o autor e, mesmo, o tradutor, este que poderia precisar ao leitor de língua portuguesa desta edição brasileira, em uma nota de rodapé) fica impossibilitado o discernimento quanto a vivência ser tão somente experiência empírica ou se, em algum momento, ela significa o caráter real da experiência de uma consciência (possibilidade que não estaria descartada, já que, no texto, por toda parte, há a tematização sobre realidade e virtualidade).

“*Smartphone*” (HAN, 2023, p. 41-58) é capítulo que fala do quanto o telefone se tornou um “infômato”, a saber: “[...] um centro de distribuição de informações” (HAN, 2023, p. 15), não mais figura que se apresentava com toda sua presença e gravidade, destoando dos demais utensílios domésticos e que se impunha a ser atendido. Diferentemente dos demais telefones, *smartphones* não são mais apenas dispositivos para comunicação, passam a ser um meio de informação que converte o mundo em imagem, por meio desses, o mundo se torna disponível enquanto produto consumível ao passo que virou imagem. Aqui novamente Heidegger teria a agregar, já que, recorrendo a um conceito-chave da meditação sobre a técnica moderna do alemão, o coreano avalia: “O *smartphone* é uma *Ge-stell* [com-posição] no sentido heideggeriano, que, como essência da tecnologia, une todas as formas do pôr, tais como pedir, imaginar ou produzir” (HAN, 2023, p. 46). Por meio desse aparelho a realidade se faz dócil, como se tudo estivesse submetido ao toque da palma e dos dedos. O *smart* aqui é facilitação que a técnica moderna promove, para Han isso passa pela descoisificação do mundo, na medida em que dissolve as resistências que as coisas promovem, tudo reduzindo à informações. Numa palavra: “O *smartphone* tira a realidade do mundo” (HAN, 2023, p. 49). (O caráter problemático desta tese se faz sentir).

“*Selfies*” (HAN, 2023, p. 59-70) é texto menor em extensão e em relevo no seio da obra, igualmente discutível por certas posições assumidas, como pretendemos evidenciar.

A premissa é a de que a fotografia analógica é como que uma firma da realidade, ela testemunha e confirma o sido, o “foi assim” ou, como nos diz Byung-Chul Han, parafraseando Roland Barthes: “[...] ela é autenticação da presença” (HAN, 2023, p. 63). Segundo essa proposição, a foto em papel é o que patenteia que algo haja, ela seria, pois, o que indica que algo propriamente existiu; contrariamente a isso, para nosso autor, a foto digital (majoritariamente as *selfies*) não seria uma “emanação da realidade” (HAN, 2023, p. 63). Ora, qualquer leitor que não esteja disposto a transigir tacitamente com premissa tão vaga teria todo direito de perguntar: *Mas por que seria assim?* E, em resposta, encontraríamos: “a fotografia digital elimina o referente na foto” (HAN, 2023, p. 63). Mas também essa resposta não pretere o argumento do leitor que, sem pretender o antagonismo puro e simples, deseja antes compreender criticamente: *por que a fotografia analógica enquanto retrato de um mundo é emanação de uma realidade conservando o referente na foto e a outra não? Não seriam ambas expressões do mesmo mundo? Não mostrariam o mesmo? A mudança de modo estaria apenas no fato de uma ter suporte material e a outra não?* Resposta a esses viriam nos seguintes termos: “Ela [a fotografia digital] não tem nenhuma ligação intensiva, intrínseca, libidinal com o objeto” (HAN, 2023, p. 63). O sentido de uma tal afirmação não é auto evidente e, ao longo desse escrito, com o mesmo fito,

o filósofo faz outras afirmações, também difíceis de serem acolhidas em sua razão, por exemplo: “O smartphone cria uma fotografia [...] sem expansão romancista, uma fotografia sem destino e memória, ou seja, uma fotografia momentânea” (HAN, 2023, p. 63-64). Caberia novamente indagar por que uma imagem fotográfica feita em uma câmera analógica é mais foto do que a de uma digital. É digno de questão também o quanto algo como “ligação libidinal com o objeto” ou “expansão romancista” seriam critérios procedentes para avaliar tal quadro.

Com o mesmo tom, o tema do capítulo seguinte, relacionado ao das *selfies*, se antecipa nos seguintes termos: “A inteligência artificial gera uma nova realidade ampliada que não existe, uma hiper-realidade ampliada que não tem mais correspondência com a realidade, com o verdadeiro referente” (HAN, 2023, p. 63).

O tema da “Inteligência artificial” (HAN, 2023, p. 71-84) é candente. Oportuno uma vez tratado em nossa época, tanto como promessa como objeto de suspeitas. A abordagem feita por Byung-Chul Han, no entanto, não segue o modo usual de tematização desse tema. Em seu viés de leitura, Heidegger novamente acaba sendo filósofo que lhe oferece recursos para pensar. Deste autor, Han retira a noção de “Tonalidades afetivas” (para Heidegger, conceito indicativo de como nós já nos encontramos no mundo desde um modo afim a seus contextos). Acaba sendo uma intuição interessante, já que Han indica que a máquina é capaz de reter dados eficientemente, de conjugá-los, de combiná-los e até aprender por meio de sua lógica indutiva as circunstâncias de sua exata aplicação. No entanto, o aprendizado de máquina (aqui sinônimo de Inteligência artificial) não constitui uma compreensão afinada a um mundo. Computadores não podem fazer-se abertos ao mundo, sequer dispor-se afinadamente a esses contextos, mesmo que este mundo seja reduzido a uma *infosfera*. Nesse caso, à rigor, aquilo que chamamos de Inteligência artificial (IA) não é propriamente uma inteligência, pois antes não é projeto existencial compreensivo-afetivo dos sentidos e significados. Em síntese: “A tonalidade afetiva fundamental é para *fora*. A inteligência artificial não pensa porque ela nunca está para *fora de si*. Espírito significa originalmente *fora-de-si* ou *comoção*. A inteligência artificial pode calcular mundo rapidamente mas a ela falta o espírito” (HAN, 2023, p. 74).

Essa passagem escolhida indica ao menos dois pontos que Han procura evidenciar em seu livro, em primeiro lugar, a IA não está disposta no horizonte significativo de um mundo, não é ser-no-mundo, não é ser-aí (*Dasein*); em segundo, consoante a Heidegger, Han compreende que a IA é um fenômeno próprio à essência da ciência, ao que Heidegger chama de “pensamento calculador”, para o qual o cálculo sem dúvida é um conjugado de possibilidades, capaz de antecipação, asseguramento e eficácia, mas não de pensamento, no sentido forte desta palavra. O que se diz nos seguintes termos: “[...] a inteligência artificial seria incapaz de pensar na medida em que a totalidade, a partir da qual se começa a pensar, está fechada a ela. [...] O pensar procede de forma bem diferente da inteligência artificial” (HAN, 2023, p. 78). O que aponta à evidência de que o pensamento humano é muito mais do que cálculo e resolução de problemas (HAN, 2023, p. 82).

Na impossibilidade de, no espaço sucinto desta resenha, acompanharmos em proximidade todos os contextos dessa obra, indicamos que ela ainda é composta por outros três ensaios: “Vistas das coisas” (HAN, 2023, p. 85-136), no qual o tema das não-coisas volta à baila com novas feições na mediação entre Heidegger e Barthes; “Silêncio” (HAN, 2023, p.137-150), meditação sobre como a era digital é marcada mais por ruído do que por sentido; “Um excuroso sobre o *jukebox*” (HAN, 2023, p. 151-171), ensaio de caráter afetivo cujo propósito é uma meditação sobre o tempo em face da impressão vaga de que as coisas envelhecem e caducam mais rapidamente. Tal como compreendemos, esse tema, que também aparece de permeio em outros ensaios da obra, tem a ver mais com o fenômeno de sua perda de sentido ante a imperma-

nência da temporalidade de nossa época. Nesse caso, é o sentido que se seniliza, e não estamos diante apenas de uma impressão difusa.

Ao fim, temos que, a despeito das arestas (que nos soam aqui e ali como arbitrariedades, palpitantes pouco fundados e alguma afetação, a exemplo das frases de efeito presentes e, diríamos mesmo, abundantes em quase todos os capítulos), a leitura de *Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida*, vale a pena, por tratar-se de um daqueles livros (bem como os outros do autor) aos quais vamos para ter ideias.

Referências

FLUSSER, V. *O mundo codificado: Por uma filosofia do design e da comunicação*. Tradução de Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Cosac Naivy, 2007.

FROMM, E. *Ter ou ser*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

HAN, B.-C. *Não-coisas: Reviravoltas do mundo da vida*. Tradução de Rafael Rodrigues Garcia. Petrópolis: Vozes, 2023.

Sobre o resenhista

Roberto Kahlmeyer-Mertens

Professor associado da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Doutor em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Recebido em: 18/06/2024
Aprovado em: 10/09/2024

Received: 06/18/2024
Approved: 09/10/2024